

quenas dimensões, indicador da 1.<sup>a</sup> fase do paleolítico superior (Aurignac); retoque lamelar, pouco abrupto, aspecto maciço. (Fig. 17).

Por último, sílices, que podem agrupar-se nos tipos de «perçoirs» (um represento), de «lames utilisées, et à encoche», etc., e que não podem ter neste jornal a descrição minuciosa que aliás mereciam. (Fig. 18).

Aqui tem os aturadores do «Antiquitus» como é possível inscrever, nos registos nominais da preistoria portuguesa, o nome da Sr.<sup>a</sup> Maria «Selibéria», legítima descobridora de uma estação paleolítica no alfoz de Lisboa.

No *Diário de Notícias* de 18 de Outubro, depois do meu primeiro artigo, o Sr. Dr. Joaquim Fontes publicou uma carta sobre o mesmo assunto.

Tirado dos *Diários de Notícias* de 17 do IX, 4 e 25 do XI, 23 do XII, de 1915; 18 do I, 3 do III, 2 do IV, 14 do VI, 3 e 21 do VIII, 25 do IX e 29 do XII, de 1916.

(Continua).

FÉLIX ALVES PEREIRA.

### O primeiro «Presépio» de Lisboa conhecido (Séc. XVII)

O presépio corresponde à *crèche* francesa da Provença, e, em especial, de Marselha<sup>1</sup>. Quanto à significação, diz Bluteau: «Presépio vale o mesmo que *Estribarria de animaes domesticos* . . . »<sup>2</sup>. O oratório, em que foi encerrada toda a figuração das personagens bíblicas do nascimento de Cristo, toma o nome de uma parte do scenário, cuja importância porém é capital, por formar o centro do conjunto ensinado — a *estrebarria* de Bethlêm.

Que os presépios provenham da prática medieval da Natividade nas igrejas, com a adoração feita ao vivo por personagens, ataviadas como de mister fôra, não há dúvida. O próprio espirito de folgança, embora envôlta em misticismo como os velhos mistérios dos pagãos, ficou impresso nas figuras, dadas aos mais profanos actos de todos os dias. As danças do povo, pelas naves dos templos na véspera do Natal, transmitiram a alegria festiva, menos religiosa, aos grupos de dançarinos, tocadores, dos presépios. As romarias com os peregrinos festivos, as promessas e transporte de oferendas, os pedintes à beira da estrada, os músicos, os vendedores de guloseimas,

<sup>1</sup> Ch. de Danilowicz, *L'Art rustique français: Art provençal*, Nancy, cap. xiv. Elzéard Rougier, *Petite Histoire des Santoun*, Marselha 1912.

<sup>2</sup> Raphael Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «Presépio».

etc., tipos característicos<sup>1</sup> que se mantiveram no presépio, fixa uma regrar. Por isso os presépios tem um carácter mixto de lado pagão, e fundo de crença e prece cristãs.

Quem terá tomado a iniciativa de substituir as figuras vivas por outras artificiais, que evitassem as licenças e sustivessem a adoração do Natal, não se sabe ao certo.

Marchetti, na *Explication des usages et coutumes des Marseillois* (1683), atribui a novidade ao *poverello* de Assis, o bondoso S. Francisco: te-lo-ia feito em uma estrebaria, com figurantes formados por bonecos de palha. Sem dúvida, num período de fé reinante, triunfante, prègador èle em pleno séc. XIII, e reformador de crenças, ter-se-ia desgostado com as liberdades da Natividade, a dentro dos templos. Mas fòsse èle ou não, o persuasivo asceta do vale da Porciúncula, cèrca de Assis, é-lhe concedida a iniciativa.

Um manuscrito da Biblioteca Nacional de Lisboa, que transcrevo abaixo, refere-se ao primeiro presépio da capital, no primeiro quarto do séc. XVII. Do séc. XIII em diante, os conventos franciscanos mantiveram o uso do presépio, que passou da congregação do Oratório a todos os conventos, templos e casas particulares, até a profusão do séc. XVIII.

«No mosteiro de Religiozas do Salvador de Lx.<sup>a</sup> | da ordem Dominicana teue principio o primeiro | Prezepio q̃ se fes nesta Corte e cidade de Lx.<sup>a</sup> e foi | o cazo q̃ foi reuelado a hũa religioza de | uirtude do mesmo mosteiro q̃ era gosto q̃ se fizesse | e assim se fes e costumauão todos os annos em dia | de Natal hirem os parocos da Cidade selebrar | rem ali a missa ao santo nascimento de Christo | em louuor e onra do mesmo Senhor com q̃ hiia | muita gente auitalo e assistir e depois das | outauas hija a hirmandade dos clerigos | pobres cantarlhe huma missa todos os annos | ao mesmo mosteiro a festigar o sagrado nacimiento | de deos e algumas uezes hauia sermão este | costume durou emte o anno de 1624 q̃ ali hião | a dita hirmandade e dahi por diente não forão fazer mais | a tal missa e festa consta isto do liuro da fundacam | do mosteiro q̃ fes a M<sup>o</sup> Maria Bauptista Prioresa q̃ | foi Capitulo 11. e folhas 101 cuio liuro esta no | cartorio do mesmo mosteiro».

(Ms. da Biblioteca Nacional de Lisboa, Cod. 14 (A. 21-4), fl. 39).

LUÍS CHAVES.

<sup>1</sup> Na Provença deu-se o mesmo caso com o *ravi* (pastor de braços no ar, espartado), o *tambourinaïre*, *amoulaïre*, ... Vid. *santoun*, em Ch. de Danilowicz. *L'Art rustique français: Art provençal*.